

Poesia Ambiental De João Batista Melo: Poeta Popular/ Que Tem Muito A Ensinar/ Veio Do Sertão Ao Rio/ Pra Sua Cultura Divulgar

R. D. V. L. de Oliveira¹; G. R. P. C. Queiroz²

¹Programa de Pós-Graduação em Ciência Tecnologia e Educação CEFET/RJ Av. Maracanã 229 – Maracanã
CEP:20271-110 Rio de Janeiro - RJ - Brasil

²UERJ- Instituto de Física Armando Dias Tavares- DFAT - Rua São Francisco Xavier, 524 - Maracanã –
Cep: 20550-013

roberto_dalmo@id.uff.br

(Recebido em 10 de dezembro de 2012; aceito em 25 de março de 2013)

O presente trabalho pretende divulgar a obra de um poeta popular chamado João Batista Melo e ressaltar a possibilidade de sua utilização em sala de aula a partir de um referencial que estabelece relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Arte. Nascido em Itabaianinha, Sergipe, e morador de Niterói, Rio de Janeiro, responsável pela divulgação da literatura de cordel, João Batista é membro da Academia Brasileira de Cordel e possui diversas obras com a temática ambiental. Um de seus cordéis, “A falta d’água no mundo”, foi homenageado pela ONU e possibilita reflexões sobre a situação ambiental. Além desse, títulos como “O gemido da lagoa”, “O pré-sal, a rolinha e os gaviões” e “O menino que virou rio” permitem discussões sociocientíficas na educação em ciências valorizando a cultura popular e a literatura de cordel.

Palavras-chave: CTS-ARTE, Literatura de cordel, Educação Ambiental

João Batista Melo’s Environmental Poetry

The following paper aims to divulge the work of a popular poet named John the Baptist Melo and also emphasize the possibility of his use in the classroom from the referential that establishes relationships between Science, Technology, Society and Art.. Born in Itabaianinha, Sergipe, and resident of Niterói, Rio de Janeiro, he is responsible for disseminating the Cordel literature, he's a member of the Brazilian Academy of Cordel. He has several works regarding an environmental theme. One of his Cordels, "The lack of water in the world" was honored by the UN. This masterpiece provides reflections on the environmental issue. Despite this, titles like "The groan of the lagoon" as well as "The pre-salt, the dove and the hawks" and last but not least "The boy who turned into a river" also allows socioscientific discussions in order to valorize the popular culture and the Cordel literature.

Keywords: STS-ART, Cordel Literature, Environmental Education

1. INTRODUÇÃO

As indicações aos professores, estabelecidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)¹, destacam o cotidiano da escola como espaço que permite viver algo da beleza da criação cultural humana em sua diversidade e multiplicidade, trazendo para o ensino o objetivo de valorizar a diversidade cultural existente em nosso país, de forma que os estudantes conheçam as características fundamentais do Brasil em suas muitas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país. Além de valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, recomenda-se ainda que os mesmos aspectos de outros povos e nações devem ser abordados, sempre se opondo a qualquer discriminação cultural, social, de sexo, gênero, etnia ou outra diferença individual ou social¹. Essas indicações, por mais corretas que possam parecer, não ressoam de forma harmônica em nosso sistema educacional. É ressaltado ainda pelo referido documento que o Brasil desconhece a si mesmo, o que faz prevalecerem de forma exorbitante estereótipos regionais e culturais. Outra dificuldade encontrada está no próprio

princípio homogenizador da escola que busca uma cultura comum, uma política de universalização que irá legitimar e deslegitimar saberes.

A professora Vera Candau (2010) tem nos mostrado a necessidade de romper com uma educação homogenizadora e monocultural e construir práticas que valorizem a diferença, passando a escola a ser vista como um cruzamento de culturas, complexo, fluido e permeado por tensões. Dessa forma, utiliza-se de uma perspectiva conhecida como multiculturalismo e, reconhecendo a polissemia do termo, define sua posição como intercultural, aquela que promove o reconhecimento do outro para o diálogo, considera as culturas como em constante processo de elaboração e reelaboração, e as relações culturais como atravessadas por questões de poder e marcadas pelo preconceito ².

Trabalhar nessa perspectiva educacional é reconhecer nossas identidades culturais, desvelar o daltonismo cultural¹, identificar as nossas relações com o outro e conceber a prática pedagógica como um processo de negociação.

O CTS-ARTE

A abordagem proposta como CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)-ARTE busca a articulação entre os campos de pesquisa CTS e a Educação em Arte. Nela a convergência dessas duas abordagens tem o sentido de diminuir a distância entre a cultura científica e a cultura humanística, além de possibilitar um pensamento crítico sobre as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade existentes no movimento CTS.

O movimento CTS, segundo Santos et. al. (2010) ³ se origina após a segunda guerra mundial, na constatação de que a ciência e a tecnologia não conduziram ao desenvolvimento e bem estar social de maneira linear. Casos como o lançamento da bomba atômica e uso de inseticidas DDT foram fundamentais para colocar em xeque esse mito e buscar uma reflexão social sobre a Ciência e Tecnologia. A partir da década de 70 surgem os estudos CTS no campo educacional e, com isso, busca-se em sala de aula, a abordagem de questões sócio científicas com o objetivo de favorecer a formação de um estudante capaz de refletir crítica e amplamente sobre Ciência, Tecnologia e sua inter-relação com a sociedade. Uma das diversas formas de buscar uma educação com enfoque CTS é apresentada por Aikenhead ⁴ através de uma sequência didática que foi adaptada a nosso contexto de trabalho. Nossa modificação foi a inserção da relação Sociedade+Arte no diagrama e a reelaboração das etapas da sequência CTS sugerida pelo renomado autor. Podemos ler a Figura 1 a partir das seguintes etapas indicadas pela seta: 1) é escolhido um tema social a partir de uma relação com a Arte; 2) uma tecnologia é introduzida; 3) estuda-se a ciência e sua relação com tecnologia e sociedade; 4) a questão social é rediscutida; 5) é proposto aos estudantes que elaborem um produto final científico-artístico.



Figura 1: Proposta CTS-Arte adaptado de Aikenhead (1994)

Dessa forma buscamos tanto partir do cotidiano do aluno, por compreender que é necessário valorizar questões nele inseridas, como introduzir elementos de Belas Artes ou da Arte Popular,

¹ Termo construído a partir do trabalho de Boaventura de Souza Santos ao considerar o mundo como um “Arco-Íris de culturas”, com isso, o termo refere-se ao não reconhecimento da diversidade cultural.

para que o estudante vá além de seu próprio cotidiano e conheça outros tipos de produção de conhecimento e expressão humana. Na última etapa da prática, visando à articulação CTS-Arte nas escolas de ensino médio e fundamental, os estudantes elaboram um produto final, sendo eles mesmos os artistas e se significando a partir da Arte, construindo identidades próprias ao se expressarem. Esses produtos postos em exposição fazem com que os estudantes não sejam apenas os “receptores” de conhecimentos clássicos a eles transmitidos, mas reelaboradores dos conhecimentos e modificadores dos sentidos existentes tanto nos colaboradores do projeto quanto nas pessoas que assistirem à exposição.

A primeira etapa e a utilização de literatura

A importância do conhecimento sobre Arte no currículo é defendida por Antônio Damásio ao ressaltar que “um currículo escolar que integra as Artes e as humanidades é imprescindível à formação de bons cidadãos p. 33”⁵. Na mesma direção, em seu livro “A cabeça bem feita”, Edgar Morin enfatiza que a Arte nos leva à dimensão estética da existência, e que em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana⁶. Trabalhos como os de vários autores^{7,8,9,10} relatam a possibilidade de relação entre Ciência e Literatura, ambas pertencentes à mesma essência humana, podendo ajudar no desenvolvimento da escrita e interpretação além de visitar outro tempo e propor uma reformulação do presente. Nesse viés, a literatura se torna uma boa ferramenta para expressar o contexto de mudança existente no início do século XX, tornando-se assim adequada à introdução da Ciência que se inaugura na mesma época. Silveira e Zanetic¹¹ ressaltam que um romance pode inserir o aluno no contexto social, político e cultural de determinada época e, por meio da ficção, permitir que o seu imaginário possa construir imagens da Ciência como produto das ideias e das ações do homem. A partir dessa hipótese, acrescentamos a ela a possibilidade de trabalhos com poesias. Além disso, Ciência e Literatura, “apesar das suas linguagens específicas e de métodos próprios, ganham quando postas em interação e ganha a humanidade quando se apercebe das diferentes leituras que as duas abordagens lhe permitem fazer”⁵.

Tendo em vista as contribuições do trabalho com literatura em aulas de Ciência, pensamos na Obra de Arte como obra aberta, ou seja, possibilitando múltiplas interpretações. Dessa maneira, o termo “aberta” é utilizado para qualificar uma relação existente entre a obra e o intérprete, na qual a obra não depende apenas dos sentidos atribuídos pelo autor, mas cada observador terá uma interpretação diferente que irá variar com sua sensibilidade condicionada, sua cultura, gostos, propensões, ou seja, de forma individualizada, podendo a obra ser vista e compreendida segundo múltiplas perspectivas¹². Essa abertura nos permite a interpretação filosófica de uma Obra de Arte sem colocar em menor grau as singularidades da criação, mas valorizando nossas discussões. Assim, deixamos claro que não queremos impor nossa interpretação como a única possível, nem afirmar que esse foi o objetivo da criação artística. Apenas gostaríamos de levantar uma interpretação possível e que poderá ser usada de forma didática para fomentar discussões com fins pedagógicos.

Em nossos trabalhos didáticos buscamos autores que permitem utilizar uma abordagem CTS a partir de suas Obras de Arte. Com isso damos ênfase à possibilidade de trabalhar sob essa ótica multicultural na qual enfatizamos relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade sendo abordadas através da valorização tanto do conhecimento científico como do artístico. Considerando a Arte como as “Belas Artes”, Queiroz et al¹³ se utilizam do trabalho de Cândido Portinari; Oliveira e Queiroz¹⁴, da obra de Vik Muniz; Oliveira, Rodrigues e Queiroz¹⁵ contribuem com a relação poesia em aulas de ciência através da obra de Fernando Pessoa. No presente trabalho buscaremos dar relevância a um poeta popular e autor de literatura de cordel, João Batista Melo.

2. JOÃO BATISTA MELO: SUA HISTÓRIA E SUA OBRA

O poeta popular João Batista Melo nasceu em Itabaianinha, no estado de Sergipe em 1938. Após atingir a maior idade mudou-se para diversas cidades até chegar a Niterói onde permanece

até hoje. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), Academia de Letras da Região Oceânica de Niterói (ALRON), expondo e vendendo suas obras em uma barraca que fica em uma feira no Campo de São Bento, parque popular existente na cidade, contribuindo assim para a divulgação da literatura de cordel.

Seus folhetos poderiam passar despercebidos por nossos interesses em Educação em Ciências se não fosse uma quantidade razoável de cordéis destinados à Educação Ambiental. Com o folheto “A falta d’água no mundo” foi homenageado pela ONU em uma carta escrita por Giancarlo Summa, diretor da United Nations Information Center. É possível observar na figura 2 algumas obras² que possuem temas ambientais como “O Gemido da Lagoa”, “O menino que Virou Rio”, “O Pré-Sal a Rolinha e os Gaviões” e “A falta d’água no mundo”. E são essas as obras que sugerimos como possíveis de serem utilizadas na primeira etapa de nossa sequência didática.



Figura 2: Os cordéis

Alguns trechos de suas obras se relacionam com a proposta de educação ambiental crítica, uma vez que questões de poder são abordadas¹⁶.

“O gemido da lagoa”

[...]

Foi essa coisa egoísta
rival do trabalhador
que invadiu a lagoa
sem ter o menor pudor
destruindo a natureza
dando em troca da pureza
doença, lama e fedor

² Não citamos em referência pela impossibilidade de catalogação.

Essa ideia corrosiva
que só visava vantagem
dá mais cabedal a poucos
e pra muitos só miragem
viu a lagoa bonita
chegou com rolo de fita
para medir a grilagem

Foi invadindo a lagoa
na sua gana arbitrária
numa rapidez infame
igual força mercenária
pelo seu jeito atrevido
foi lhes dado o apelido:
“de gula imobiliária”
[...]

“O Pré-sal e a rolinha e os gaviões”

[...]
Essa posição histórica
pra todos nós é legal
lutar pela nossa vida
é defender o Pré-Sal
nele está nosso futuro
se viver mendigo, e “duro”
ou se ter vida normal

Nosso Pré-Sal tá na mão
e da nossa mão não sai
existem fortes pressões
mas levar assim não vai
que modo mais esquisito?!
Se tem-se um filho bonito
tudo mundo quer ser pai!?
[...]

“O menino que virou rio”

[...]
Há o homem quando atinge
seu mais alto objetivo
se recosta no poder
fica mole e pensativo
sem perceber tá entrando
num processo regressivo
[...]

Meu cordel denunciou
esse muleque vadio
lendo aqui você salvo
O menino e o rio

“A falta d’água no mundo”

Se é vazamento na rua
denuncie faça um ofício
telefone pra empresa
avise do desperdício

evite que aquela farra
 entre no código de barra
 e resulte em sacrifício
 [...]

Alguns trechos dos cordéis

“Recuperar nossas águas
 é nosso grande dever
 e convido a juventude
 para lutar e vencer
 e se alguém quiser mais água
 seja China ou Nicarágua
 temos pra dar e vender

E não se deve estranhar
 se a escassez do produto,
 levar potência estrangeira
 a construir aguaduto
 até por baixo do mar
 a fim de daqui levar
 água mais pra seu reduto

Temos de ser otimistas
 em qualquer situação
 só queremos que alguém
 nos indique a direção
 faça um cordel bem bonito
 ilustrado e bem escrito
 e mostre a população

3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OS CONTEÚDOS DOS CORDÉIS: RELAÇÕES EXISTENTES

Consideramos a existência de termos como CTSA, dando ênfase ao Ambiente; CTSP, referindo-se a uma ênfase na política; CTSI, ressaltando a inovação, dentre tantos outros de igual relevância. Porém, em nosso grupo, entendemos o termo CTS como um significante vazio¹⁷, ou seja, ele agrega tanto as inúmeras discussões sobre ambiente, quanto política, inovação, valores e qualquer outro termo possível, dependendo do contexto em que está sendo trabalhado. Dessa forma, o termo CTS-ARTE refere-se a estratégias pedagógicas em práticas realizadas no Grupo de Pesquisa em Ensino de Física na UERJ, que buscam utilizar-se da Arte para levantar discussões sociocientíficas. Em nosso contexto de trabalho com Cordéis, consideraremos o CTS com sentidos que remetem à necessidade de uma Educação Ambiental que promova a emancipação social. Essa convergência entre CTS e Educação Ambiental crítica é levantada por Santos et. al. (2010) e considerada importante para um processo chamado “ambientalização” que, para os autores, seria um movimento de busca por uma mudança de valores nas relações entre os seres humanos e com o ambiente que interagem³.

Frente aos múltiplos sentidos existentes para a Educação Ambiental, Lima¹⁶ nos apresenta um cenário que seria reflexo dos macrodebates sociais, apresentando assim os mesmos valores, interesses e ideologias. Os debates em educação seriam o reflexo do que se discute no campo do ambientalismo e sustentabilidade, gerando um espectro possível de ser limitado em dois polos, um para conservação e outro para emancipação e, conseqüentemente, os polos que refletem em uma Educação Ambiental conservadora a uma Educação Ambiental para emancipação. Uma Educação Ambiental conservadora se caracterizaria por uma concepção reducionista e unilateral da questão ambiental; uma compreensão naturalista; uma tendência de valorizar decisões tecnológicas diante dos desafios ambientais; uma abordagem despolitizada; práticas pouco

interdisciplinares; uma responsabilização dos impactos ambientais a um homem genérico, descontextualizado econômica e politicamente; uma banalização das noções de cidadania.

Já a Educação Ambiental Crítica e emancipatória se caracterizaria por uma compreensão multidimensional da questão ambiental; defesa do amplo desenvolvimento das liberdades e possibilidades humana e não humanas; atitude crítica diante dos desafios da crise civilizatória; uma publicização da problemática socioambiental; uma associação de argumentos técnico-científicos à orientação ética do conhecimento; um entendimento da democracia como pré-requisito para a construção de uma sustentabilidade plural; a certeza na participação social como indispensável à democracia; cuidado em estimular diálogo e a complementariedade entre as ciências; uma vocação transformadora dos valores e das práticas contrárias ao bem-estar público

¹⁶

Discordamos de Lima ¹⁶ quando este autor considera a escola como um subsistema social subordinado a um contexto sócio-histórico, tendo em vista que esse reducionismo nos leva ao erro do sociologismo apresentado por Tardif ¹⁸ que seria considerar o professor apenas como um boneco de ventríloquo sem vontade própria e sem suas ideologias, um personagem que não participa das relações de poder. Os estudos de Foucault ¹⁹ nos mostram que as relações de poder emanam de várias fontes, sendo algo produtivo e não apenas coercitivo, ou seja, não é concebido um único poder repressor que parte do Estado e se prolongaria aos escalões mais baixos da sociedade sendo reproduzidos em estados atomizados, mas micropoderes descentrados. Apesar de discordarmos do conceito de escola como reprodução de um sistema macrossocial, o trabalho de Lima ¹⁶ é bem claro e útil ao propor uma distinção entre Educação Ambiental conservadora e Educação Ambiental para a emancipação, tornando-se relevante na busca por práticas que permitam a formação de um cidadão crítico e que dê ênfase a maiores reflexões sobre a questão ambiental. Para isso é necessário que o professor, inicialmente, questione sua sala de aula e debata de forma madura sobre os problemas do seu cotidiano, reestruturando suas práticas até o nível no qual, se possível, esteja apto a participar de uma rede que buscará a regulação do poder executivo de acordo com discussões democráticas sobre suas crenças e interesses em relação à questão ambiental.

Tendo em vista esses dois posicionamentos referentes à Educação Ambiental, comentaremos pequenos trechos dos cordéis de João Batista Melo e por fim faremos uma reflexão sobre os seus conteúdos e a possibilidade de utilização do cordel para uma abordagem emancipatória de Educação Ambiental dentro de uma sequência CTS-ARTE.

Ao buscarmos uma convergência entre a proposta da Educação Ambiental emancipatória e a fala do Poeta popular João Batista Melo, observamos nos versos selecionados a valorização dada à democracia, à compreensão pública dos problemas ambientais, à necessidade de uma ação democrática e à participação social como indispensável a essa democracia. O poeta escreve em seu cordel “A falta d’água no mundo”: “*Se é vazamento na rua/ denuncie faça um ofício/ telefone pra empresa/ avise do desperdício/ evite que aquela farra/ entre no código de barra/ e resulte em sacrifício [...] Recuperar nossas águas/ é nosso grande dever/ e convido a juventude/ para lutar e vencer*”. Em seu cordel sobre o Pré-Sal ele expõe *Essa posição histórica/ pra todos nós é legal/ lutar pela nossa vida/ é defender o Pré-Sal*”.

Outros trechos mostram as relações de poder existentes na sociedade em muitas instâncias. No “O gemido da lagoa” temos: “*Essa ideia corrosiva/ que só visava vantagem/ dá mais cabedal a poucos/ e pra muitos só miragem*”. Em “O menino que virou rio” temos: “*Há o homem quando atinge/ seu mais alto objetivo/ se recosta no poder/ fica mole e pensativo/ sem perceber tá entrando/ num processo regressivo*”

Além dessa breve relação possível com os trechos destacados, nos últimos versos do “A falta d’água no mundo” nosso poeta popular convoca os leitores a fazerem um cordel e o mostrarem à população, o que converge com a proposta exibida sob o tema CTS-ARTE, a produção de um produto científico-artístico: “*Só queremos que alguém/ nos indique a direção/ faça um cordel bem bonito/ ilustrado e bem escrito/ e mostre a população*”.

4. CONCLUSÕES

A convergência entre Educação Ambiental Crítica¹⁶ e o conteúdo da obra de João Batista Melo favorece a utilização dos cordéis em aulas de ciências, possibilitando a formação de um estudante mais crítico e politizado que busque refletir sobre questões sociocientíficas como as que cercam os temas relativos à água, ao pré-sal, à poluição, entre outros que são de grande relevância. O cordel pode assim contribuir para que estudantes conheçam e valorizem a cultura do nordeste, além de diminuir a distância entre a cultura científica e humanística.

O presente trabalho, como citado anteriormente, possui como objetivo divulgar a obra de João Batista Melo e relacioná-la com a Educação Ambiental Crítica e não buscar métodos para validar a utilização dos cordéis em sala, porém, a utilização dos cordéis em sala de aula tornou-se tão instigante que momentos após a “descoberta” deste artista, uma estudante de Licenciatura em Química propôs a utilização do cordel “A falta d’água no mundo” como início da sequência didática apresentada em nosso referencial teórico. Dessa maneira, após a leitura, foi trabalhada a tecnologia existente em estações de tratamento de esgoto (ETE), foram abordados métodos de separação de misturas e realizado um debate sobre uma prometida construção de ETE no município de São Gonçalo-Rio de Janeiro. Por fim, os estudantes fizeram seus produtos finais ao elaborarem 4 cordéis e uma pequena encenação.

As reflexões sobre essa prática serão os caminhos trilhados em uma pesquisa de conclusão de curso da licencianda intitulada “Uma abordagem CTS-ARTE no estudo das Estações de Tratamento de Esgoto: uma prática no Ensino Fundamental”. Esperamos em breve escrever o relato da pesquisa em andamento sobre essa prática.

O caminho frutífero das relações entre a cultura científica e humanística através de uma proposta CTS-ARTE ainda está começando a ser explorado, mas podemos afirmar que esta é uma boa e interessante trilha rumo a uma aprendizagem que busque, além de um conteúdo científico com significado para os alunos, a valorização da diversidade cultural e as possibilidades de reflexões sociocientíficas.

5. AGRADECIMENTOS

Ao poeta popular João Batista Melo que nos prestigia com sua obra. À Samara Almeida Andrade que prestigiou o autor Roberto Dalmo com seu convite para coorientação da sua monografia que utiliza o cordel “A falta d’água no mundo” em uma prática CTS-ARTE. Ao colégio e aos estudantes, sem nomes citados por questões éticas, que permitem espaço para práticas inovadoras e colaboram de maneira grandiosa.

-
1. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério de Educação e do Desporto, 1997.
 2. CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. 245p.
 3. SANTOS, W. L. P.; GALIAZZI, M. P.; JUNIOR, E. M. P.; SOUZA, L. M.; PORTUGAL, S. O enfoque CTS e a Educação Ambiental: Possibilidade de “ambientalização” da sala de aula de Ciências. in. SANTOS, W. L. P; MALDANER, O. A. (Org). *Ensino de Química em Foco*. Ijuí, Editora Unijuí, 2010. 368p.
 4. AIKENHEAD, G.. What is STS science teaching? In: Solomon, J., Aikenhead, G. *STS education: international perspectives on reform*. Teachers College Press. 1994 [acesso em 10 out. 2012]. Disponível em: <http://www.usask.ca/education/people/aikenhead/sts05.htm>
 5. GALVÃO, C. Ciência na literatura e literatura na ciência, *Interações*, v.2, n. 3, p. 32 – 51, 2006.
 6. MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
 7. CASTRO, I. M. Poesia em sala de aula de Ciências? A literatura poética e possíveis usos didáticos, *Física na Escola*, v. 3, n. 1, p.17-23, 2002.
 8. ZANETIC, J. Física e Arte: uma ponte entre as duas culturas» *Pró-posições*, v. 17, n. 1 (49), p. 39-57, 2006a.

9. ZANETIC, J. Física e literatura: construindo uma ponte entre as duas culturas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13 (suplemento), p. 55-70, 2006b.
10. LINSINGEN, L. V. “A literatura infanto-juvenil e o ensino de ciências: uma relação possível”. *Anais do 4º SLIJS*. In: DEBUS, Eliane; RAUEN, Fábio José; JULIANO, Dilma eatriz; DOMINGUES, Chirley. Palhoça, SC, n.4, p. 495-507, 2009. [acesso em 10 out. 2012]. Disponível em: <http://www.tracaletras.com.br/lit&c/linsingen.2009.pdf>
11. SILVEIRA, M. P.; ZANETIC, J. (2010). “O potencial de relações entre ensino de ciências e literatura por meio da obra de Monteiro Lobato”. en: 1º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2010, Maringá. *Anais do 1º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*. 2010. [acesso em 10 out. 2012]. Disponível em: <http://www.cielli.com.br/downloads/217.pdf> acesso em 14/04/2012.
12. ECO, U. *Obra Aberta*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, 279p.
13. QUEIROZ, G.; NASSER, P. Z. T.; CASTRO, G.; BEGALLI, M.; OLIVEIRA, R.D.V.L.; PESSANHA, P. RODRIGUES, L.; REIS, J. C. Projeto CTS Modernismo- Ciência e Arte –Anais do VII Seminario Ibérico/III Seminário Ibero-americano CTS no ensino de Ciências CTS no futuro do ensino das ciências- Madrid, 2012. Disponível em: <http://www.oei.es/seminariooctsm/PDF_automatico/I7textocompleto.pdf>
14. OLIVEIRA, R. D. V. L.; QUEIROZ, G. R. P. C. Projeto Ciência e Arte em uma abordagem CTS- O lixo extraorgânico. *Anais do VII Seminario Ibérico/III Seminário Ibero-americano CTS no ensino de Ciências CTS no futuro do ensino das ciências- Madrid, 2012*. Disponível em: <http://www.oei.es/seminariooctsm/PDF_automatico/A1textocompleto.pdf>.
15. OLIVEIRA, R. D. V. L.; RODRIGUES, L. QUEIROZ, G. R. P. C. Possibilidades de abordagem CTS no Ensino Fundamental a partir da poesia “Ode Triunfal” de Fernando Pessoa. *Anais do XVI Encontro Nacional de Ensino de Química*. Salvador, Bahia, 2012.
16. LIMA, G. F. da Costa. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In *Educação Ambiental repensando o espaço da cidadania*. Loureiro, C. F.; Layergues, P. P.; Castro, R. S. (orgs). São Paulo, Cortez, 2011
17. LACAU, E. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires, Ariel, 1996, 216p.
18. TARDIF, M. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis, Editora Vozes, 2011, 325p.
19. FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal., 2007, 295p.